



‘Nós’ e os ‘Outros’: o papel da Cultura na crise dos refugiados 16 de Fevereiro de 2016

SUMÁRIO

Introdução

São vários os sinais de intolerância, desde as medidas aprovadas na Dinamarca de confiscar os bens aos refugiados, à colocação de pulseiras brilhantes de identificação em Cardiff, em Galles, portas vermelhas nas casas de refugiados em Middlesbrough, no Reino Unido. Assim como os sinais de protesto através da arte, como o caso do artista chinês Ai Weiwei.

Falta de informação e permanente mutação de contextos que não estão acessíveis. Quando e como as instituições culturais devem participar na recepção dos refugiados, assim como na problemática sobre o tema?

Perceber o conceito de Refugiado, promover o entendimento do papel dos refugiados nas sociedades actuais como a de figuras históricas incontornáveis e fundamentais, figuras de proa das sociedades oprimidas de onde fogem, trazendo ou fazendo circular uma importante bagagem cultural.

Misturam-se os **conceitos jurídicos** (imigrante, refugiado...). Mas a vivência das pessoas é muito mais do que os conceitos.

Necessidade de **aprendermos com o que não fizemos no passado**, quando houve outros movimentos similares: o acolhimento aos imigrantes e refugiados de Leste foi inexistente – não houve políticas dirigidas ao seu acolhimento pelas instituições culturais.

Não podemos ignorar que a crise actual tem semelhanças com outras anteriores, que a Europa conhece bem, mas tem também uma diferença fundamental: **trata-se de muçulmanos**, a sua religião é considerada um perigo para o modo de vida Europeu. Há medo, há desconfiança e há muita ignorância.

O poder das imagens, a sua banalização: Susan Sontag, no seu livro *Olhando o Sofrimento dos Outros* (2003) alertava-nos - e continua actualíssimo - para a “insensibilidade ao horror que todos os dias tomamos, via televisão e jornais da manhã” e para o facto de “estamos a perder a nossa capacidade para reagir”. As imagens por vezes são olhadas apenas com uma dimensão estética, quando a ética devia estar presente. **A cultura pode promover o “combate” à apatia.**

Fala-se “deles” como se fossem um “grupo”, um grupo à parte. Mas a verdade é que são pessoas muito diferentes. A imagem que temos delas é uma representação.

Somos **muito exigentes com os recém-chegados**. Têm medo, temos que explicar tudo, precisam de ser autónomos, conhecer a língua. Muitas pessoas são mandadas para o interior, ficam deslocalizadas, o que podem fazer?

Em diferentes regiões do país, a Cultura e as instituições culturais não têm realizado qualquer trabalho nesse sentido e não têm, igualmente, sido consideradas ou convidadas a fazê-lo. O “Outro”

não é considerado nem sequer contemplado – não há iniciativas de integração de população imigrante.

Qual pode ser o papel das instituições culturais e das artes?

Reaparecimento dos muros físicos e dos muros do medo. As instituições culturais devem ser um dos motores para a demolição dos muros do medo. A cultura transforma, pode e deve contribuir para um acolhimento mais informado, para uma racionalização do medo, para servir de lugares de encontro (mesmo que de confronto controlado) e assim contribuir para que não se pense em “nós” e os “outros”, mas que se pense apenas na Humanidade como um todo, diferente mas complementar.

A cultura é consagrada como um direito, tal como a educação e a saúde. Referiu-se a importância de se fazer projectos com as comunidades, **partindo dos seus próprios interesses ou perspectivas**, ao invés de simplesmente se procurar reproduzir as formas de transmissão culturais que implicam uma submissão da sua identidade.

As artes, nomeadamente as performativas, podem ter um papel importante (e mesmo determinante), porque trabalham com as emoções, com o “momento presente” e, para alguém que viu o passado ruir, que tem incerteza no futuro, as artes podem ajudá-lo a viver e agarrar o único momento que pode fortalecer “o presente”.

O **teatro** permite aprender, socializar, fazer amigos. Ajuda as pessoas a ganhar confiança nelas próprias, a não ter medo de estar e de falar com os outros. Torna-se num espaço de acolhimento e de solidariedade.

A arte, e mais especificamente da **dança**, para ultrapassar a barreira linguística, pode contribuir para tornar visível o invisível e para voltar a existir através da construção de um “presente”.

Os **museus** podem divulgar um passado comum e as heranças deixadas por essa cultura (p.e. a força da herança islâmica na cultura alentejana) – recuperar a continuidade dessas raízes partilhadas. O museu é um lugar seguro, o acolhimento é afectivo.

As bibliotecas são instituições que devem promover o diálogo intercultural, a tolerância, religando pessoas ao Mundo e à sua diversidade. Lugares de resiliência e de criatividade, as bibliotecas podem, através de uma programação que promova o questionamento, de forma aberta e transversal, trazer para o “palco” a questão dos refugiados, desfazendo tabus e o medo de falar. A biblioteca como palco para a convivência inter-cultural e para a construção do respeito mútuo pelo outro e lugares onde se pode “aprender” a ouvir.

O papel das instituições culturais não é sobrepor-se a outras instituições, mas trabalhar em parceria e criar uma dimensão positiva, nos refugiados e em “nós”, através da informação, do diálogo, do questionamento e da construção de uma identidade conjunta a partir do hoje. O encontro com o ‘outro’ permite dar conta da riqueza cultural que traz com ele. Ao mesmo tempo, é preciso perceber que, para envolver, é necessário conhecer e reconhecer os seus hábitos e também a importância que essas pessoas podem assumir no contexto da exposição das coleções, mas também do seu enriquecimento, com objectos que possam representá-las.

Acções concretas

Daniel Pennac e Serge Bloch escreveram um livro em BD “Eux c'est nous” (2015), explicando porque se deve ajudar os refugiados e lembrando que: “Et ce sont eux, tous ces réfugiés du vingtième siècle, jugés chaque fois trop nombreux, qui font, avec nous, la France d'aujourd'hui”, falando de arménios, italianos, portugueses que ao longo das décadas chegaram a França.

O Festival de Berlim ofereceu 1000 bilhetes para refugiados.

Open Glasgow <http://open.glasgow.gov.uk>

Voices of Culture (UE) www.voiceofculture.eu

As bibliotecas alemãs têm programas direccionados ao acolhimento de refugiados, nomeadamente no que respeita ao ensino da língua alemã, serviços de *babysitting* (enquanto os pais tratam de assuntos administrativos), ajudam na resolução de variados assuntos (comprar telemóvel, contratos de luz, procura de emprego, ...); e oferecem a possibilidade de cartão de leitor sem exigência de cartão de residente.

No Conselho Português para os Refugiados existem dois professores de português, para turmas de diversas nacionalidades e pessoas com níveis de escolaridade muito diferentes, o que é manifestamente pouco. A língua é uma barreira, é fundamental promover a aprendizagem junto destas comunidades para a sua integração. Contrariamente ao que a maior parte das pessoas pensa, os refugiados vêm, em primeiro lugar, da Ucrânia, depois do Mali, Paquistão e Guiné. O CPR promove visitas para aproximar o refugiado ao dia-a-dia (ida ao supermercado, visitar a cidade, museus, há quem vá pela primeira vez ao cinema, etc.). O CPR tem ainda um grupo de teatro denominado RefugiActo, constituído por pessoas de diferentes países, onde é trabalhada a expressão linguística e dramática e é um espaço de partilha muito importante para conhecer o 'outro'. Este grupo é acessível a todos os recém-chegados.

O Espaço T tem um conselho consultivo para a interculturalidade composto por 15 associações de imigrantes. Realiza colóquios, tertúlias, festas, formação, no fundo é um espaço físico e não físico que difunde a interculturalidade através das artes de cada país. Recentemente foi aberta a galeria de arte O MEU PAÍS NO TEU, onde só imigrantes podem expor.

Para pensar

O início de um novo Mundo ou o fim da Europa conhecida e como as instituições culturais podem ajudar a fazer esta leitura e a contribuir para uma mudança que se possa alicerçar historicamente e na construção da múltipla identidade contemporânea.

A necessidade de mais informação e de uma política de integração que contemple de imediato a área da Cultura como parceiro.

As instituições culturais têm um papel central de religar pessoas, de quebrar barreiras, de destruir o medo, de promover a informação e o diálogo.

Devemos escutar as pessoas, o que elas pensam sobre o que foram e o que querem ser. A Segurança Social interessa-se sobretudo pela narrativa do sofrimento, não quer saber o que essas pessoas querem ser. Elas deviam ser os actores principais, há sempre alguém a falar por elas.

Como definir uma estratégia? A acção coordenada pelas entidades do Estado não passaria por ter um representante do Ministério da Cultura no grupo de trabalho/no sistema nacional de acolhimento? <http://www.refugiados.acm.gov.pt/data/uploads/2015/09/10041-a-2015.pdf>, para de forma coordenada definir uma estratégia de integração cultural das comunidades imigrantes e de refugiados

Pessoas que exigem atenção ao nível da Cultura, tanto para o seu acolhimento e integração, como para dar oportunidade aos refugiados para retribuírem, usufruindo da sua riqueza cultural. Podemos construir coisas novas juntos e descobrir o que temos em comum.

Promover a aprendizagem da língua como factor de integração.

Necessidade de simplificar a linguagem: aquando das visitas a museus, os responsáveis têm dificuldade em comunicar, em português, de uma forma que o grupo de refugiados os possa acompanhar.

Criação de uma rede da cultura que possa interagir com o CPR e outras instituições que acolhem refugiados (para participar nas atividades desenvolvidas: visitas guiadas, possibilidade de fazer estágios, conhecimento das coleções estrangeiras, etc., ou mesmo possibilitar a criação de projectos que possam, de uma forma mais regular, providenciar ao acompanhamento dos refugiados no nosso país, na perspetiva do seu acesso à cultura, mas também na perspetiva de se assegurar a representação e preservação das suas identidades próprias.

Criação de redes entre entidades e indivíduos para a integração destas comunidades ao nível local e papel das entidades culturais na sensibilização da população – conhecimento e divulgação da cultura estrangeira.

Ajudando aos refugiados, ajudamo-nos a nós próprios, porque os portugueses também estão inactivos no campo cultural, estão carentes.

Participaram no debate:

Évora, Fonte de Letras

Hortênsia Menino, CIMAC – Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central; **Hugo Sovelas**, Propositário Azul; **Zélia Parreira**, Biblioteca Pública de Évora; **Teresa Crespo**, Museóloga

Lisboa, Casa Fernando Pessoa

Cristina Santinho, Investigadora CRIA/ISCTE-IUL; **Isabel Galvão**, Professora de Português, Conselho Português dos Refugiados; **Joana Sousa Monteiro**, Museu de Lisboa; **Sofia Cabrita**, RefugiActo; Moderadora: **Ana Carvalho**, Museóloga

Porto, Museu Nacional Soares dos Reis

Ângelo Merayo, Conselho Português dos Refugiados; **Jorge Oliveira**, Espaço T- Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária; **Luís Monteiro**, Mestrando em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Deputado na Assembleia da República; **Margarida Correia**, Museu Nacional Soares dos Reis; Moderadora: **Joana Macedo**, Professora de História da Arte, coordena projectos de educação artística e inclusão cultural

Tavira, Casa das Artes

Ana Borges, Coreógrafa Corpodehoje; **João Ventura**, Programador TEMPO; **Paula Ferreira**, Bibliotecária, Biblioteca Municipal de Tavira; Moderadora: **Tela Leão**, Programadora Cultural